

Venham comer quinhapira!

Justino Sarmiento Rezende*

Desde o dia em que comecei a viver, os meus pais, quando vivos, me conduziram por diversos tempos e espaços. Ensina-ram-me alguns conhecimentos que eles adquiriram nos tempos e espaços anteriores aos meus. De seus ensinamentos eu guar-dei alguns.

Depois passando por diversos espaços e tempos meus e dos outros adquirir outros conhecimentos, obtive diretamente visões sobre as realidades diversas.

Muitas vezes, nós indígenas reclamamos que os livros di-dáticos só vêm imbuídos de conteúdos ocidentais, que destroem as nossas culturas etc. O desafio para nós é escrever sobre nós mesmos, nossas culturas, nossas práticas... Com certeza os não-índios não conhecem bastante sobre nós!

Venham comer quinhapira, na língua tuyuka se diz: **Biaru yara atiya!** Tradução literal: **Biaru:** recipiente de pimen-ta; **Yara:** comer; **Atiya:** venham! Tradução para o português: **venham comer o recipiente de pimenta!** Termo usado: **venham comer quinhapira!** Observação: o termo *quinhapira* é uma pa-lavra em nheengatú (língua geral). *Quinha* significa *pimenta* e *pira* (pirá) significa *peixe*: **peixe na e com pimenta.**

Para a preparação da quinhapira a família tem que ter a pimenta, plantada por ela em sua roça ou comprada (trocada) de quem tem.

O **Venha comer quinhapira** possui significados profun-dos para os povos que vivem na região do alto rio Negro – AM: Tuyuka, Tukano, Desano, Piratapuaia, Tariano, Arapaso, Baniwa, Hupda, Kubeu, Mirititapuaia, Barasana, Wanano... A prática do **Venha comer quinhapira** entre estes povos acontece de forma semelhante. A leitura sobre tal prática está situada dentro da compreensão da educação indígena. A base desta atual leitura parte da prática do povo Tuyuka do qual sou parte.

A prática do **Venha comer quinhapira** é um dos elemen-tos que sustentam e expressam a educação tuyuka. Sua prática

* O autor é indígena da etnia Tuyuka, nascido em 1961 na aldeia Onça-igarapé, na região do alto rio Negro – AM. É sacerdote salesiano desde o ano de 1994. É mestre em Educa-ção [Linha 3: Diversidade Cultural e educação indígena] pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande – MS [fevereiro/2007]. Este trabalho foi produzido no ano de 1999 e neste ano estava cursando o Curso de Missiologia na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assun-ção, SP. No ano de 2008 eu acrescentei alguns elemen-tos desta prática cultural: Quinhapira. justinosdb@yahoo.com.br

é a medida da maturidade, responsabilidade e participação na/ da vida tuyuka.

O convite para comer

Nas aldeias tuyuka o **Venha comer quinhapira** é um convite-imperativo. O convidar e o aceitar exigem responsabilidade e compromisso com a vida familiar e comunitária.

Aquilo que marca a maturidade da pessoa é a sua participação nos trabalhos. O **Venha comer quinhapira** é o ponto de partida e de chegada do sentido de participação no trabalho. Ele não é um fim em si mesmo, ele é o meio. O **Venha comer quinhapira** comunitário é um direito e obrigação para quem vai trabalhar ou trabalhou. O **Venha comer quinhapira** familiar já possui outro sentido mais restrito: acesso ao alimento como um direito, mas também como um dever no âmbito familiar.

A obrigatoriedade de convidar e aceitar para o **Venha comer quinhapira** público começa com a adolescência. Nesta fase, o adolescente ainda pode optar em participar ou não. Para um jovem já se torna uma obrigatoriedade. Os pais já educam os seus filhos para isso. Para os casais é obrigatória a participação e de levar a **Quinhapira** para a comunidade. A partir do casamento, a não-aceitação e não-participação ao **Venha comer quinhapira** já é considerada “desprezo” para com a coletividade, a não ser que ele, ou alguém por ele, justifique a sua ausência.

* * *

As **crianças** são chamadas de **wimarã**. A educação de uma pessoa acontece, principalmente, dentro de casa, na família. Quando digo família estou me referindo às pessoas que moram dentro de uma casa: pai, mãe, avô, avó, irmão maior, irmã, tia, tio... Todos eles são responsáveis por educar a nova pessoa no que se refere aos valores humanos.

Entre nós, povos indígenas do alto rio Negro-AM, a criança com a idade de nove anos, ainda não está preparada para participar ativamente do **Venha comer quinhapira** comunitário. Ela não saberá se comportar entre as pessoas de mais idade, não entenderá os assuntos, ou ainda há assuntos que as crianças não podem aprender e participar (não queimar etapas). Às vezes, a criança pode causar vexame entre os adultos e isto pode causar vergonha para os pais da criança.

As crianças participam do **Venha comer quinhapira** dentro da

família. Lá elas aprendem como participar, posteriormente, do **Venha comer quinhapira** comunitário.

Os pais as acompanham e controlam o comportamento até que saibam se comportar bem dentro da comunidade. Também, pouco a pouco assumem compromissos dentro da comunidade. Elas precisam demonstrar para a comunidade suas responsabilidades, principalmente, participando dos trabalhos. Uma vez que a comunidade comprova responsabilidade da criança, ela fica admitida como pessoa adulta. Nesse sentido, o **Venha comer quinhapira** poderia ser entendido como um dos ritos de iniciação para a vida adulta, pois a maturidade da pessoa se manifesta, também, neste momento.

A não-participação da criança do **Venha comer quinhapira** dentro da comunidade significa que está sendo preparada, formada e educada pelos pais. Significa tempo de preparação e de espera. Quando ela começar a participar, ela mostrará aquilo que os seus pais a ensinaram.

* * *

Os anciãos são denominados **butoa**. Consideramos anciãos aqueles homens e mulheres que já têm uma longa vivência de vida. Eles/as ocupam o espaço próprio.

Eles são lideranças na comunidade, não no sentido de liderar os trabalhos de forma direta, mas no sentido de que eles são seguranças da caminhada das pessoas de uma comunidade. Eles são conhecedores da vida em seus diversos sentidos, alegria, realização, satisfação, paciência, coragem, sofrimento, dor, sacrifício, trabalhos, pescarias, caçarias, plantações, conhecimentos diversos, sabedoria de vida... São fontes de conhecimentos das quais os jovens bebem suas sabedorias.

Eles têm papel de educadores (formadores) das gerações mais novas com as suas **opiniões, orientações, conselhos e práticas** sobre os vários assuntos. Com os **benzimentos** preparam o caminho da pessoa para que ela descubra e desenvolva o seu modo de trabalhar, a maneira de relacionar-se com as pessoas de sua etnia e com as de outras etnias. Os anciãos curam as doenças, **interpretam** os sonhos etc. Os anciãos são pessoas que têm um aguçado conhecimento sobre a vida da natureza, água, o ar, floresta e sobre a vida humana, etc.

A família, filhos, netos e parentes devem cuidar de forma bem especial e particular dos anciãos. Com isso quero dizer que aquilo que já se faz: reservar a comida e bebida. A mesma consideração deve ter a comu-

nidade para com eles. Eles não precisam concorrer com os jovens no **Venha comer quinhapira**. Eles já têm sua comida separada. É um respeito que todos precisam conscientizar-se.

É dentro deste sentido que os anciãos não são obrigados a participar do **Venha comer quinhapira**. Eles também não estão obrigados a estar nos trabalhos, mas para aqueles que ainda quiserem participar a comunidade é aberta. As pessoas entendem que os anciãos prestam serviço à comunidade e como tal, também recebem o apoio e o cuidado de todos os moradores da comunidade (aldeia).

Eles criam seu ritmo de vida. Não há exigência e controle sobre eles. Veja exemplos: o ancião pode ir à roça, mas sem exigências de fazer trabalhos pesados; pode ir à pescaria, mas sobre ele não há exigência que seja bom pescador. As pessoas entendem que essas atividades são as diversas maneiras de ele ocupar bem seu tempo.

Eu, quando era criança, adolescente, convivi bem com o meu avô (já falecido). Nós íamos pescar juntos. Na pescaria ele me contava vários fatos da vida; outras vezes ele cantava as músicas rituais; ele me ensinava como eu deveria pescar, etc.

Eles podem ficar em casa com os seus netos, cuidando da casa ou ficar fazendo alguns trabalhos que eles podem criar: artesanato (balaio, peneira...), puçá (rede de pesca) etc.

Preparando e comendo a quinhapira

A mulher é a responsável pela preparação da Quinhapira. De madrugada, a mulher prepara o beiju, mingau, esquentando a quinhapira e cozinha peixe/carne, após a pescaria ou caçada. Normalmente, antes do amanhecer, antes do banho, tais alimentos ficam prontos.

Este trabalho, geralmente, quando há várias mulheres na casa, é assumido em conjunto. Uma ajuda a outra. Também os homens ajudam, mas o trabalho é prioritariamente das mulheres.

A mulher casada é geralmente¹ de outra etnia. Ela traz consigo toda a educação que ela recebeu dentro de sua família e de sua etnia. Ela é responsável para fazer perdurar a educação recebida. Caso não consiga, ela é desprestigiada, assim como a sua família e a etnia. A agilidade e os bons serviços fazem dela uma mulher respeitada e amada.

Para que isso aconteça, mulheres tuyuka e não-tuyuka que já estão

mais tempo como os Tuyuka ensinam para a nova mulher que chega. Também ela já sabe como funciona a vida com os Tuyuka, mas as mulheres que já estão mais tempo com os Tuyuka acrescentam seus conhecimentos.

O trabalho da mulher é enriquecido pelo trabalho do homem, principalmente, através de sua pescaria e a caça. A qualidade de serviços da mulher depende muito dos trabalhos do homem. Para ter beiju e mingau precisa ter roça; para ter peixe o homem tem que pescar; para ter carne o homem tem que caçar. Neste sentido há interação (interdependência) e o enriquecimento mútuo entre o trabalho do homem e da mulher.

A família que oferece o peixe no momento do **Venha comer quinhapira** é bem conceituada na comunidade e gera respeito e alegria de viver. São motivações para que os homens e as mulheres sejam bons trabalhadores, participantes, pessoas alegres, pessoas que partilham os bens materiais.

A esposa que é mãe, depois do banho, quando o dia está amanhecendo, alimenta os seus filhos. Depois que eles já estão servidos, a esposa leva a comida para o centro da casa (hoje em cima da mesa grande) e pede para que o marido convide os moradores da casa e/ou da aldeia. E, na ausência do marido, chefe da casa é oferecido ao filho (se tiver mais de 12 anos) ou para o sogro ou para o cunhado, isto é, parente mais próximo. Aquele que convidou diz: meus parentes, comam a quinhapira! Neste instante, os homens se aproximam para a refeição.

Os parentes da esposa não podem fazer o convite, pois são hóspedes. A função de convidar é própria de quem está na sua casa/aldeia. Fora da aldeia é sempre visitante/hóspede. Por isso só pode ser convidado.

O homem tem a função de convidar os moradores da casa e/ou da aldeia para o **Venha comer quinhapira**. O convite pode ser somente para os moradores da casa ou para os moradores da aldeia. O chefe sai e fica na porta e grita com voz forte pelo menos três vezes: **Venha comer quinhapira!** Ao ouvirem este chamado, os homens respondem com voz alta. Nesse momento fica uma gritaria!

Muitas vezes o convite é nominal, isto é, chama pelo nome todos os casados. Ao ouvir o convite, cada esposo convida a sua esposa e os filhos que já têm a idade para participar do **Venha comer quinhapira**. Às vezes, algumas pessoas não vão. Ao aceitar, cada família leva a sua **quinhapira, beiju e mingau**. Os visitantes/hóspedes não são obrigados a levar nada e se quiserem podem, mas devem participar.

Depois que chega toda a comida que cada mulher vai trazendo e

colocando no centro da casa, aquele que convidou convida para que os homens comecem a comer.

Cada família traz o que tiver em casa: pode ser só quinhapira, pode ser mujeca (sopa de peixe), carne de caça e outros alimentos conseguidos (maniwara, formigas, frutas...). Todos comem das mesmas quinhapiras, dos mesmos pratos, dos mesmos beijos e tomam os mesmos mingaus com a mesma cuia. Quase terminando a comida, aquele que convidou mostra a bebida para os homens. Quando os homens acabam de comer, aquele que convidou passa a vez para sua esposa para que ela convide as mulheres para a comida.

Enquanto os homens estão se alimentando, as mulheres conversam entre elas, contam histórias, falam sobre os seus maridos, contam fatos engraçados e dão gargalhadas. Os homens também intervêm nas suas conversas. Faz parte do momento. É um momento lúdico, de alegria, de partilha da vida.

Depois que os homens comeram é a vez de a mulher convidar as mulheres para a comida. Esta mulher é aquela que colocou a **Quinhapira** no centro da casa. É a vez das mulheres se alimentarem. São convidadas todas as casadas (adultas) e as jovens.

Geralmente as mulheres correm mais para pegar a comida. Por quê? Todas às vezes que tem peixe, carne e outros alimentos, elas pegam para os seus filhos pequenos. Só depois elas começam a comer. Elas demoram bastante. Elas saboreiam, conversam e comem tudo, não deixam nada.

Terminada a comida, a mulher que convidou indica a bebida mingau para que elas bebam. Geralmente sobra muito pouco, pois os homens tomam quase tudo. Elas não acham ruim porque foi para isso que elas prepararam. Se sobrar é que elas ficam tristes por achar que não gostaram da bebida que elas prepararam.

Enquanto as mulheres se alimentam, os homens ficam conversando, contando histórias, sonhos, achando graça, falando sobre projetos de trabalhos, acontecimentos de outros lugares, sobre os trabalhos dos outros, experiência de outros lugares, sobre o trabalho que está fazendo na roça, conta sobre o andamento da educação dos filhos etc.

O **Venha comer a quinhapira** torna-se mais solene aos domingos e festas, quando praticamente todos participam, principalmente nas comunidades menores. A preparação começa no dia anterior (sábado ou na véspera da festa), quando os homens saem para a pescaria e só voltam de madrugada. As mulheres por sua vez vão à roça, carregar man-

dioca, preparar melhor farinha, beiju e fazer boa bebida. Somente assim o domingo e festa se tornam dia festivo, dia de partilha, de alegria.

No dia de domingo e dia de festa, após a preparação da comida, inicia-se o culto dominical. É o momento de orações, cantos, escuta da palavra de Deus, partilha da palavra, reflexões, busca de soluções dos problemas da comunidade, etc.

Terminado este momento, os participantes dirigem-se para a casa comunitária (centro comunitário ou na casa do líder). Na capela, ainda, o líder já convida as pessoas para que busquem a comida. Saindo da capela as pessoas já se dirigem para as casas buscar a comida e bebida.

Assim começa o **Venha comer quinhapira**. Se junta todas as comidas e começa a celebração da partilha das comidas que foram preparadas com esforço de todos os homens na pescaria da noite e das mulheres com o trabalho das roças, preparação do beiju, farinha, mingau e outras bebidas. Este é o momento de verdadeira alegria. Para experimentar a alegria de estar no **Venha comer quinhapira**, só estando lá para sentir, pois é indescritível.

Após este momento, hoje, já existe outro momento importante: o lazer comunitário. Todos os membros da comunidade se reúnem ao redor de uma atividade esportiva da qual participam os casados, casadas, jovens e crianças. Quem não pode jogar fica conversando, contando histórias, piadas, torcendo e achando graça. Levam chibé (água com farinha) para beber. Geralmente tem a bebida chamada caxiri (bebida fermentada). Este momento é muito gostoso, pois dá para ver como as pessoas se sentem bem. As pessoas ficam sentadas na sombra da casa, na sombra da árvore, outros vão tomar banho e voltam para participar ou assistir aos jogos. As gargalhadas nunca faltam.

Estas atividades vão exigindo mais esforços de todos e quem não se esforça para entrar no ritmo se exclui, mas geralmente todos participam. A partir destes momentos, pode-se ver que há valores indígenas que casam bem com os valores evangélicos: partilha e alegria.

Venha comer quinhapira como espaço de crescimento

Na medida em que o filho cresce, o pai (marido) pede à esposa para que ela não ofereça a **Quinhapira** a ele, mas ao filho. O filho aprendiz, por sua vez, aprende a convidar outras pessoas usando os termos adequados, dizendo: papai, avô, titio, irmão menor, irmão maior, **Venha comer quinhapira!** Usando os mesmos termos, ao término da comi-

da, indica o lugar para tomar o mingau. Depois passa a vez para quem lhe ofereceu e esta pode ser sua mãe, irmã, avó ou outra pessoa. Assim o menino já vai aprendendo gradualmente a prática de convidar e praticar o **Venha comer quinhapira**.

A mesma educação se dá para a menina. Ela começa muito cedo a aprender as atividades de preparação da **Quinhapira, beiju e mingau**, com a mãe. Ela acorda cedo com a mãe. E a mãe vai ensinando todas as técnicas para a sua filha. A partir de certa idade, a mãe já passa atividade de oferecer a **Quinhapira** para a filha aprendiz. Ela oferece a **Quinhapira** usando os termos certos para o pai, irmão maior (menor), avô, tio... Depois ao convidar as mulheres usa os termos certos e convida à mãe, ato, tia, irmã para o **Venha comer quinhapira**.

Assim, na ausência dos pais, eles/as começam a assumir o serviço de oferecer, convidar aos outros e aceitar o convite e participar do **Venha comer quinhapira**. A responsabilidade é maior quando os pais são responsáveis pela comunidade, principalmente, como líder da etnia/comunidade. Os líderes étnicos têm por obrigação formar filhos líderes. Pela formação que lhes dão e de sua prática boa depende a respeitabilidade da autoridade da família e da comunidade.

O **Venha comer quinhapira** é um momento de crescimento na responsabilidade e na convicção da participação. Ao fazer o convite, o líder ou quem convida está exercendo a sua responsabilidade de animar os membros da comunidade. É uma atitude de quem já está na condição de conviver com os membros da comunidade de modo responsável e de forma ativa.

Geralmente, após o término do **Venha comer quinhapira**, é que o líder ou pessoa que convidou faz o convite para o trabalho comunitário ou particular. Geralmente, todos aceitam o convite. Tal aceitação faz com que deixem seus trabalhos particulares para outro dia. Poucas vezes aparece quem justifica a sua ausência (não participação). A aceitação acontece num clima de alegria.

O trabalho comunitário é importante porque com mais pessoas o trabalho vai mais rápido. Também é importante para a convivência das pessoas. Eles não vão trabalhar direto (sem descanso), trabalham e descansam. Vão ter momentos de descanso, vão tomar seu chibé, vão fumar o cigarro, etc. Nestes momentos de descanso conversam sobre vários assuntos do passado étnico, falam do presente e falam das previsões para o futuro. É verdadeiramente um momento educativo (formativo) muito forte para quem participa.

Na volta do trabalho, mais uma vez, quem convidou para o traba-

lho irá convidar para mais um **Venha comer quinhapira**. E só participa quem foi trabalhar. É muito gostoso participar assim, eu gosto muito, pois a gente se sente realizado.

É um momento e espaço para que cada um partilhe aquilo que sabe. Às vezes, somos questionados sobre alguma coisa. Se respondermos bem, as pessoas percebem como anda o nosso amadurecimento. Esta participação é importante para o indivíduo no seu crescimento e aprendizagem. À medida que percebemos a importância deste momento, começamos a participar espontaneamente, sem que haja alguém que nos obrigue.

A partir desta compreensão, percebe-se que o **Venha comer quinhapira** não é apenas comida pela comida. É um momento no qual adquirimos novos conhecimentos sobre a vida, trabalho, festas, pescaria, caça... É a educação indígena funcionando, um ensinando ao outro. Só quem nasce e vive dentro da comunidade ou quem dela já participou entende o seu valor. É difícil expressar todos os sentidos, pois cada vez que participamos dele, algo novo aprendemos, reaprendemos, vivemos e revivemos. O que está escrito aqui é pouquinho de sua riqueza, mas surgirão muitas riquezas, ainda. Cada geração dará sentidos novos e diferentes. O **Venha comer quinhapira** é dinâmico, tem vida e dá vida. Aí se faz a memória de nossos avôs e eles se fazem presentes através disso. Que bonito isso!

O Venha comer quinhapira e seus valores

Nesta parte estou descrevendo os valores presentes. É uma visão muito pessoal e é uma visão interpretativa. Outros indígenas podem perceber outros valores que não coloco aqui. A partir daquilo que eu vivencio cada vez que eu participo do **Venha comer quinhapira**, eu consigo sentir e perceber estes valores.

1. Animação

O primeiro elemento que nós encontramos entre as pessoas que vão participar do **Venha comer quinhapira** é a animação, alegria, descontração, risadas, gargalhadas, contos pitorescos, fatos divertidos...

Toda vez que vamos participar do **Venha comer quinhapira**, logo de entrada já encontramos pessoas achando graça. É sinal que alguém já começou a contar história engraçada. É um momento de alegria mes-

mo. Nele nos sentimos bem com os outros membros da comunidade. É um momento em que entramos nas histórias dos outros, momento que os outros entram nas nossas histórias. É o momento em que as dificuldades pessoais, familiares, comunitárias ficam de lado e até mesmo ficam esquecidas. Quem participar do **Venha comer quinhapira** sempre volta para casa diferente de quando foi. Dentro do **Venha comer quinhapira**, a nossa vida adquire novos sentidos.

O **Venha comer quinhapira** ajuda a pessoa a se sentir membro importante de uma comunidade. Com a comunidade reunida ao redor do **Venha comer quinhapira**, nas pessoas que dele participam, brota a alegria de viver, trabalhar, pescar, caçar e ajudar a comunidade a viver na alegria.

2. Bondade e gratuidade (reciprocidade)

Quem participa do **Venha comer quinhapira** está aí porque está disposto a crescer como membro da comunidade. Ele sabe que sua ausência pode prejudicar os membros da comunidade. Desta forma, eu arrisco dizer que quem está no **Venha comer quinhapira** é gente boa.

A bondade da pessoa manifesta-se na sua participação ativa, isto é, participa trazendo a **Quinhapira, beiju e mingau**. Estes materiais são elementos simbólicos, pois atrás destes três elementos podem vir muitos outros alimentos que as pessoas vão trazendo e colocando para a alimentação da comunidade. Cada família que participa sente-se na obrigação de levar alguma coisa que tiver e o faz gratuitamente.

Além de todos os alimentos postos em comum, a presença da pessoa no **Venha comer quinhapira** gera alegria nas pessoas. Os alimentos que são levados ao **Venha comer quinhapira** são frutos do trabalho. Mesmo encontrados na natureza, como frutas, caça, peixe... são frutos do esforço humano, da criatividade, do sacrifício, da persistência, etc.

Todos os alimentos colocados no **Venha comer quinhapira** é partilha da vida, da luta, do trabalho. E ninguém cobra nada para colocar estes alimentos em comum. Mas todos se sentem na obrigação de colocar em comum o melhor que possa conseguir para alegrar a comunidade.

3. Partilha

O **Venha comer quinhapira** é uma expressão da partilha. É o símbolo da partilha do que temos de melhor e mais importante na casa. Oferecer a **Quinhapira** dentro da família e na comunidade é ser capaz

de dar o melhor para os outros. A partilha é sinal de maturidade. O espaço melhor para colocar em prática este valor é o **Venha comer quinhapira**.

A partilha é uma atitude de respeito e amor para com a pessoa e com a comunidade. A partilha nos leva para além dos interesses pessoais. É começar a pensar e a praticar que aquilo que é bom para mim é bom para outras pessoas e sem exigência de troca.

Entre nós, indígenas, vemos muito a prática da partilha. Quando uma pessoa chega a uma casa, a primeira coisa que se faz após os cumprimentos é oferecer a **Quinhapira**. Se tiver peixe oferece, carne, etc. Eu vejo que a nossa prática de partilha como uma preocupação de deixar a outra pessoa feliz, sentir-se acolhida, sentir-se valorizada, respeitada, amada...

A participação no **Venha comer quinhapira**, antes de pensar na comida, nos leva a pensar nas pessoas que se reúnem para conversar, trocar ideias, sonhos, contar as coisas alegres, contar as dificuldades e obter soluções de vários problemas.

O **Venha comer quinhapira** aprofunda cada vez mais a compreensão e vivência da fraternidade. Assim, a comunidade cresce baseada no espírito de família. Esta vivência exige saber conversar com as pessoas e escutá-las. Enfim, é sentir-se bem com os outros.

4. União das pessoas

A comida simboliza todo o trabalho da família, simboliza a capacidade de realizar uma boa pesca, caça, coleta de frutas... Simboliza todo o trabalho da roça. Simboliza todo o aprendizado do homem e da mulher. Colocar em comum todos estes sentidos é fortalecer a unidade da comunidade. Por isso, muitas comunidades praticam o **Venha comer quinhapira** comunitário todos os dias. Os nossos avôs já praticavam assim, embora hoje tal prática não seja da mesma forma como no passado, o sentido que eles davam continua, mas são acrescentados outros sentidos, conforme cada geração vai entendendo a vida.

Os nossos avôs vivendo em malocas (casa comum) tinham um irmão maior que hoje podemos denominá-lo chefe. Quando digo irmão maior é o irmão maior segundo a classificação étnica. Ele é o responsável para animar, cuidar, motivar a vida dos irmãos menores. Toda manhã convidava seus irmãos menores para a **Quinhapira**. Ele era educador (formado) para esta responsabilidade e tinha consciência disso. Os ou-

tros irmãos sabiam de sua responsabilidade e colaboravam.

O **Venha comer quinhapira** é a expressão de união das pessoas. Os moradores de uma comunidade estão na comunidade porque, de alguma forma, estão ligados ao sentido da unidade étnica. Os moradores de uma comunidade estão ali porque têm algo importante que os une: pertença étnica e/ou está casado com a mulher daquela etnia e/ou são parentes da mulher casada com algum homem daquela comunidade.

O **Venha comer quinhapira** simboliza a unidade. O chamado, isto é, o convite e a aceitação para **Venha comer quinhapira** é para a unidade. A prática de comer da mesma **Quinhapira**, comer do mesmo **beiju** e tomar da mesma panela de **mingau** com a mesma cuia é grande sinal de unidade.

O **Venha comer quinhapira** simboliza estar unido com o chefe, líder, irmãos menores, maiores, com os primos, com avós, com as mulheres, com os jovens... Reúne ao seu redor todas as pessoas: moradores da comunidade e visitantes.

Deixar de praticar o **Venha comer quinhapira** seria perder um dos instrumentos mais forte para manter a unidade das pessoas de uma comunidade e perder o símbolo da hospitalidade. O **Venha comer quinhapira** combate o individualismo, o egoísmo, fechamento de si mesmo e abre para alegria, confiança, crescimento, partilha, solidariedade...

5. Simplicidade

O **Venha comer quinhapira** significa oferecer aquilo que se tem. Não existe uma regra sobre quem pode frequentar a mesa durante o **Venha comer quinhapira**. O que fica bem claro é que o **Venha comer quinhapira** é momento da partilha de alimentos e bebidas. As pessoas praticam esta partilha com humildade. Ninguém fica preocupado se aquela bebida e comida vão ser consumidas ou não. Coloca-se qualquer tipo de comida e bebida em comum e as diversas pessoas presentes no **Venha comer quinhapira** consomem. O que eu sei é que qualquer alimento que se coloca em comum não volta para casa.

A humildade a que faço referência é a de não se envergonhar com aquilo que a pessoa possa oferecer para a comunidade. Essa maneira de entender e praticar o **Venha comer quinhapira** nos leva a vencer o egoísmo, a inveja, o medo e a vergonha.

Além destes gestos, o povo Tuyuka e outros povos da região do alto rio Negro - AM vão fortalecendo seus valores étnicos, valores ancestrais e criando outros valores. Cada vez mais, o **Venha comer quinhapira**

assume diferentes significados para o bem das pessoas. Assim, o **Venha comer quinhapira** continua sendo valor aglutinador das forças humanas de uma aldeia, de uma família.

Quando diminui a participação durante o **Venha comer quinhapira**, surge preocupação com o andamento da comunidade, pois significa a diminuição do valor dado à comunidade, o respeito aos membros da comunidade. Esta preocupação nos leva a questionar como o líder da comunidade está exercendo a sua autoridade, como animador da comunidade. Às vezes, acontece isso porque o líder é indiferente perante a comunidade, é preguiçoso, desanimado... Mas, geralmente, a comunidade dá um novo ânimo ao líder. As pessoas de uma comunidade não querem perder o **Venha comer quinhapira**, pois ele é importante para o fortalecimento da vida das pessoas.

Venha comer quinhapira e a evangelização

Os missionários não-indígenas são possuidores dos valores de outras culturas. Chegando à nossa região eles encontraram indígenas, possuidores de valores e práticas culturais diferentes. Nos contatos com os indígenas da região eles viram a prática do **Venha comer quinhapira**.

Na época em que eles chegaram, a maior parte da população indígena da região vivia em casas comunitárias chamadas malocas. Era uma tradição da época, mas os missionários achavam que aquela forma de viver era anti-higiênica. Acredito que, segundo a visão de não-indígena, poderia ser vista daquele jeito.

Só que para os indígenas, aquela maloca não era simplesmente uma casa. Esta maloca possui sentidos religiosos, míticos, mitológicos. A maloca simboliza a **Cobra de Transformação** do ser humano. Eles morando dentro da maloca estavam vivendo este sentido. Sentiam-se como filhos protegidos. O chefe é irmão maior dos seus irmãos menores. Dentro desta maloca estão presentes todos os símbolos de danças... Ela é símbolo da vida, da fertilidade, da continuidade, da criação, da revelação, do sagrado... Dentro desta maloca o **Venha comer quinhapira** como algo cotidiano é símbolo da unidade entre o chefe e os seus irmãos.

A partir do momento que os missionários vindos de fora a consideraram como espaço anti-higiênico, eles profanam todos os sentidos nela contidos. Provocam o processo de eliminação destas malocas e incentivam a construção de casas particulares. A partir daí se pode perceber que os missionários provocam a perda de muitos referenciais étnicos

importantes e colocam outros referenciais religiosos.

Para os missionários, segundo seus projetos evangelizadores foi uma coisa boa, mas não para os indígenas. As casas particulares provocaram o crescimento do individualismo, a indiferença, o isolamento dentro das casas, diminuição de partilha da comida com outros membros da comunidade, enfraquecimento da unidade, desestruturação da liderança etc.

Dentro deste contexto, o **Venha comer quinhapira** foi mantido pela comunidade. A prática frequente ou não do **Venha comer quinhapira** continua provocando a criação de sentidos diferentes que sustentam a vida indígena.

A própria prática missionária não conseguiu acabar com esta prática do **Venha comer quinhapira**. Hoje este espaço está reconhecida como espaço evangelizador. Eu acredito que uma das grandes novidades do Evangelho é a Gratuidade/Partilha. Os valores do **Venha comer quinhapira** aproxima-se bem da partilha que o Evangelho de Jesus Cristo quis para os seus seguidores.

Muitas vezes estes valores são ofuscados pelas práticas dos próprios missionários: pregar a partilha e não praticar. É interessante ouvir o que os indígenas falam criticando: “os missionários pregam que devemos partilhar a comida, mas só que na hora de almoçar/jantar eles não partilham, entram e fecham seus refeitórios para almoçarem/jantarem escondidos; e, nós não somos padres e irmãs, partilhamos mais do que eles”. Estas observações indígenas provocam uma revisão da própria atitude missionária. O horizonte possível é a revitalização da gratuidade e partilha, não somente com palavras, mas com a prática.

Venha comer a quinhapira nos dias atuais

As práticas do **Venha comer quinhapira**, ao longo de sua existência vai recebendo características próprias. Mantém seus sentidos simbólicos de unidade, partilha, simplicidade, solidariedade, hospitalidade etc., porém, vai incluindo outros tipos de alimentação que no passado não existia em meio às comunidades tuyuka: arroz, feijão... São alimentações que estão incluídas no momento do **Venha comer quinhapira** e vão enriquecendo o momento.

Eu entendo que o **Venha comer quinhapira** é o momento muito aberto para a participação. Pessoa de qualquer cultura pode participar com aquilo que pode contribuir para enriquecimento do momento do **Venha comer quinhapira**. Por outro lado, está aberto para quem não

possa oferecer nada. Também a pessoa poderá contribuir com outros tipos de alimentos de sociedades não-indígenas.

Percebo que os não-indígenas que passam nas comunidades indígenas participam e gostam de comida e/ou bebida. O **Venha comer quinhapira** é momento importante da comunidade revestido de muita descontração e alegria. Nós indígenas entendemos que os não-indígenas sentem dificuldades em alimentar-se das comidas, pois geralmente são muito apimentadas. Para quem não está acostumado é difícil comer. O fato de comerem do mesmo prato, aqueles que vêm de fora e olham tais práticas ficam assustados, pois para eles é anti-higiênico. Para os indígenas da região é normal e comum. Aos povos indígenas aquilo que parece anormal é cada qual ficar com o seu prato, mas esta prática também começa a fazer parte. Eu vi que algumas pessoas não conseguem comer junto com os outros e aí o responsável providencia prato separado. Esta prática acontece se tiver mais alimento que possa ser dividido. O povo indígena é muito sensível e compreensível com as pessoas de culturas não-indígenas.

Hoje em dia existem pessoas que “pensam” que o **Venha comer quinhapira** é coisa do passado. “Passado” no sentido de dizer que é algo que simboliza o “atraso” e como prática que deve ser abandonada. Aquelles que pensam assim acreditam que cada família deve cuidar para alimentar a sua família.

A educação escolar criou uma mentalidade de concorrência e o acúmulo das coisas materiais. No caso do **Venha comer quinhapira** que trata diretamente da partilha da comida, a partir da mentalidade de acúmulo das coisas materiais, alguns indígenas dizem: “quem quiser comer tem que pescar”; “eu como peixe, carne... porque eu sou bom pescador, caçador”. Com esta mentalidade deixam de partilhar e tem receio de participar do **Venha comer quinhapira**, pois acham que as outras pessoas vão criticá-los. Eles ainda creem que a partilha não dá lucro, preferem vender. Ainda bem que o **Venha comer quinhapira** não discrimina ninguém à participação. A pessoa se exclui por si mesma quando não vai participar.

Acredito que cada geração compreenderá de forma diferente o **Venha comer quinhapira**. Porém, acredito que o seu sentido vai ser sempre lembrado e praticado. Eu conheço muitas famílias que há tempo vivem nas grandes cidades, porém, sempre mantiveram vivos estes valores. Vejo que **Venha comer quinhapira** é o valor que dá sentido à vida indígena na cidade. Em alguns momentos de reunião indígena, a prática

do **Venha comer quinhapira** está sempre presente como forma de alimentação e como assunto de conversa.

O **Venha comer quinhapira** é algo dinâmico. Em lugares maiores já não é mais um acontecimento cotidiano. Está ligado aos acontecimentos importantes da vida de uma comunidade: trabalho comunitário, domingos e dias festivos. Desta forma vai dando sentido de verdadeiro encontro de família, verdadeira celebração da vida comunitária.

A diminuição da prática comunitária do **Venha comer quinhapira** não significa que ele acabou. Ele continua vivo dentro da família. Assim como a saída da família indígena para cidade não significa o esquecimento do **Venha comer quinhapira**. Pelo que eu tenho observado e ouvido, no primeiro momento da saída parece dar essa sensação por achar que agora, indo para a cidade, terá que abandonar os costumes indígenas, mas logo ele sente falta de algo que constituiu o cotidiano de sua existência. Assim a família recomeça a prática do **Venha comer quinhapira**.

Nos últimos anos, com o fortalecimento do movimento indígena, os indígenas espalhados nas cidades começam a re-valorizar seus valores como o **Venha comer quinhapira** e que agora está se tornando cardápio em alguns restaurantes (Norte do Brasil), neste caso, com outros sentidos.

Nota:

¹ Utilizo o termo geralmente porque nas últimas duas décadas começa aumentar casamentos entre as pessoas da mesma etnia.

Recebido em 2 de julho de 2009.

Aprovado para publicação em 27 de agosto de 2009.